

Resenha:

Paisagem Lunar, Marco Lucchesi. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2021, 245 páginas.

Ana Maria Haddad Baptista [1]

Marco Lucchesi nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1963. Sempre atuou, em diversos níveis, a favor do diálogo e da paz entre o Ocidente e o Oriente. Presidiu a Academia Brasileira de Letras (ABL) de 2018 a 2021 e com isso abriu muitas fronteiras. "O poeta e escritor Marco Lucchesi concluiu, após quatro anos de mandato, uma das gestões mais singulares, expressivas e (por que não também?) inclusiva da história da Academia Brasileira de Letras ao descerrar ainda mais a porta da instituição para artistas que fazem a língua portuguesa transcender a gramática e transmutar-se em diversas formas da arte. O popular nunca esteve tão próximo dos imortais da ABL como agora, após a (e por que não também?) 'Era Lucchesi', um período, embora curto, mas que registrou ações memoráveis, uma das quais a de levar livros ao mundo pelos navios da Marinha, 'livros como remédio nos navios da esperança', diz Lucchesi"[2].

Além disso, intensificou acordos e parcerias com diversas academias do mundo (a eterna ponte entre Ocidente-Oriente). Poeta, romancista, ensaísta, memorialista, professor, editor e tradutor, graduou-se em História pela UFF, mestre e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, com pós-doutorado em Filosofia da Renascença na Universidade de Colônia, na Alemanha. Sob a regência da simplicidade e tranquilidade dos grandes sábios transita por mais de vinte línguas. Mas sem a ilusão dos prepotentes de que Babel seja finita. Ao ser perguntado sobre a sua paixão por línguas, responde:

---

[1] Professora e pesquisadora da Universidade Nove de Julho. Mestra e doutora pela PUC/SP. Pós doutoramento pela Universidade de Lisboa e PUC/SP.
[2] Entrevista a Mauricio Cannone. Revista Comunità Italiana no. 281, dezembro de 2021.

"(...) sou dominado pelos idiomas. É uma característica familiar. Meu avô paterno saiu do campo de concentração de Mauthausen porque aprendeu rapidamente o alemão. E outras línguas. Gosto de todas. Cada língua me fascina. Todas possuem um grau de beleza intransferível. Fujo do estudo de novas línguas, porque procuro horizontes diversos. E quando nego, quando me recuso a estudar outra língua, pronto: me vejo mergulhado nos mecanismos de uma língua que desejo aprender. Mas fujo atualmente. O português e o italiano fazem morada no meu coração. Gosto das raízes antigas da língua (portuguesa), de seu ecumenismo ibérico, do ponto de vista da semântica, uma língua com antigas ligações com o latim, última flor do Lácio, como disse o poeta, mas nem tão recente assim. Gosto da digital brasileira, das línguas indígenas que a atravessam, das línguas africanas. Gosto dessa forma avassaladora. O português enquanto língua de fronteira "[3].

Autor, entre tantas outras tipologias, dos romances *O bibliotecário do imperador*, *O Dom do Crime* e *Adeus, Pirandello. Domínios da Insônia* reúne, em grande parte, sua obra poética completamente revista. *Carteiro Imaterial, Cultura da paz* integram, entre outros, o conjunto de livros de ensaios. O poeta possui também livros experimentais, como por exemplo, *Rudimentos da Língua Laputar*. Traduziu, dentre outros, Primo Levi, Umberto Eco, Rilke, Rumi, Barbu, Khliebnikov, Silesius, Juan de la Cruz, Francisco Quevedo. Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Tibiscus e Aurel Vlaicu da Romênia, comendador da República italiana recebeu, dentre outros, os prêmios Jabuti, Prêmio Pantera d'Oro, Città di Torino, George Bacóvia. Conferencista em vários países do Ocidente e do Oriente. Seus livros já foram traduzidos para mais de dez idiomas.

Ao analisarmos, mais de perto, o percurso literário de Marco Lucchesi, conclui-se, com certa facilidade, que o escritor não para. Nunca. Além de seu

[3] Entrevista a Anna Luiza Cardozo in https://vbmlitag.com.br/index.php/2021/04/13/entre-armas-e-livros-qual-a-duvida/ acessado em 18.07.2021.

conjunto de obras ser estruturado e regido pela estética do labirinto [4] , pode-se afirmar o mesmo de sua trajetória enquanto um dos maiores e melhores escritores vivos do Brasil e não seria exagero afirmar: do mundo. A trajetória do escritor é tão plural quanto a diversidade de suas obras. E nesta trajetória resplandece a sua obra: **Paisagem Lunar**.

O livro, versão e-book, (disponível em mais de 1500 livrarias virtuais do mundo, além das brasileiras), reúne, com a revisão meticulosa (sabidamente o incansável perfeccionismo do escritor, que tem a aguda consciência dos grandes mestres do eterno inacabamento de uma obra artística) de suas três obras anteriores, versões impressas e em e-book. Ou seja, Trívia (Editora Patuá, 2019), Vestígios, (Tesseractum Editorial, 2021) e Arena Maris, (Tesseractum Editorial, 2021).

Paisagem Lunar, a começar pelo título, remete e promete sem decepções, a um verdadeiro exercício de nossas mais agudas, sempre imperiosas, indagações subterrâneas. Sim. **Paisagem Lunar** evidencia, objetivamente, o homem subterrâneo que existe em Lucchesi. Processo que, inevitavelmente, nos faz lembrar de Nietzsche no prólogo de **Aurora** [5]: "Neste livro se acha um 'ser subterrâneo a trabalhar, um ser que perfura, que escava, que solapa. Ele é visto – pressupondo que se tenha vista para esse trabalho na profundeza – lentamente avançando, cauteloso, suavemente implacável, sem muito revelar da aflição causada pela demorada privação de luz e ar; até se poderia dizer que está contente com o seu obscuro lavor" .

Para quem conhece, mesmo que não muito, a trajetória de Lucchesi sabe, até por meio de dezenas e dezenas de entrevistas que concedeu ao longo de sua vida, que seu processo de criação, remete por si mesmo, a uma estética labiríntica. Isso caracteriza, acima de qualquer coisa, a permanente inquietude fervilhante (febril?) do poeta que se impõe desde que era criança e adolescente. Ele queria o mundo, saber todas as línguas, compreender os mistérios. Pelas diversas informações dadas por ele, nas mais variadas

[4] A questão é analisada, sob diversos ângulos, na obra *Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto.* Tesseractum Editorial/FUNDARTE, 2021.
[5] Friedrich Nietzsche, *Aurora:* Reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia de Bolso, 2016. p. 9.

situações (e não somente em entrevistas e dezenas de *lives*) Marco sempre possuiu, tudo indica, cadernos de anotações. Nas palavras do autor no *Prólogo* da obra: "Uma trindade em ruínas: *Trívia, Arena, Vestígios.* Apadrinhada com o subtítulo: diário filosófico, de abordagem incidental e fragmentária. Não busca o todo e nem pretende fazê-lo. Antes, reflete um *basso ostinato.* Folhas de cadernos esquecidos, datados ou não, que, a certa altura, deixaram de fazer sentido. Sobrevivem, espaçados. (...) Nenhum lugar vazio: e trânsito. Espelho partido em mil pedaços, que me desvela irregular" [6]. Sob as luzes de Jean-Luc Nancy [7], observe-se que Lucchesi faz do pensamento movimento. Deste movimento o seu mundo vai em busca de juntar, assim como de juntar a si mesmo. Mas sem a pretensão da unidade ou de uma totalidade. "É igualmente tensão, atenção, intenção e mesmo *para-além:* ímpeto, voo ou mergulho em direção à essencial coexistência de todas as coisas". Ressalte-se que: "Vivi durante muitos anos atraído pela noção de densidade que o campo metafísico inaugurou para mim desde os meus quinze anos. Dessa época resulta um estudo disciplinado e atrevido da lógica formal, da cosmologia, da metafísica, a partir de uma orientação escolástica. Não da pequena escolástica, mas da escolástica séria, inteligente de um Maritain, de um Garrigou-Lagrange. Estudos que vinham sendo realizados em latim, e que apontavam para substâncias e categorias, que se enraizavam profundamente no aspecto da psicologia filosófica, como se chamava. Desde então, o arquétipo do abismo rege minhas questões, buscando na literatura clássica e numa lição de múltiplas camadas textuais uma ideia de subjacência, das coisas latentes, num movimento de ostra e pérola, na poesia de Rûmî e Attar. Fui uma espécie de logonauta na adolescência e na primeira juventude, buscando a elaboração de conceitos que alargassem novas esferas do inteligível. Não podia não abrir mão dos universais e dos transcendentais. E segui pela teologia mística do Pseudo-Dionísio. O meu corte epistemológico

---

[6] *Paisagem Lunar***,** p. 11.

[7] Jean-Luc Nancy. *O peso de um pensamento, a aproximação.* Tradução de Fernanda Bernardo e Hugo Monteiro. Coimbra: Terra Ocre Edições, 2006. p. 9.

ocorreu durante os meus estudos de Antropologia e História feitos na Universidade Federal Fluminense. Desde então comecei, a partir do perspectivismo nietzschiano e mais tarde deleuziano (mas sem fanatismos!) a compreender a vastidão da superfície. De uma superfície que se tornava profunda e de uma profundidade que só podia ser alcançada pela superfície. Todas estas noções foram elaboradas na construção de um paradigma novo dentro de meu universo poético" [8].

Quando perguntado em que medida literatura e filosofia poderiam dialogar: "Estudei filosofia desde muito cedo. Sempre o fascínio das ideias. Folheio meus antigos cadernos de lógica formal e metafísica. Comecei com a escolástica, com a técnica árdua e precisa, desde o edifício de Tomás de Aquino, sólido e imponente, que se eleva para uma zona inefável, como a ideia da palha, como disse Tomás antes de morrer. Recomendo a meus alunos o estudo da escolástica. Não para permanecer atado a um endereço, mas para criar uma disciplina, um ateliê do pensamento. Estudei Platão e Aristóteles, diretamente nos livros. Num certo nível, os manuais tornam-se mais complexos, num certo sentido, evidentemente, do que a leitura direta dos textos. Depois Descartes, aquele que não foi cartesiano, como gosto de lembrar. E muitos anos com Hegel e Kant. Estudei na Alemanha, em meu pós-doutorado, as filosofias do Renascimento, que me encantam, com aquela sobreposição de famílias neoplatônicas, e aproximações pouco ortodoxas com a alquimia e a cabala. Não vejo separação. Nem acredito que as obras se resfriem. Porque se trata de um pensamento emocionado, de fundo agostiniano, por assim dizer, como a escrita poética dos filósofos romenos como Constantin Noica e Lucian Blaga. Um olhar sobre os pré-socráticos, pode clarear muitos aspectos sobre a presença da filosofia para além de si mesma, ou dos sistemas omnívoros que se organizaram em vastos repertórios, específicos, fechados. O diálogo se deu no princípio e não se deve perder num

[8] Entrevista a Nonato Gurgel para sua tese de doutorado, no departamento de Ciência da Literatura, Faculdade de Letras da UFRJ, 2003.

século em que a fronteira dos gêneros tem-se tornado cada vez mais ambígua, criando novas linguagens e inusitadas vizinhanças" [9].

Paisagem Lunar é, sem dúvida, um livro que transita e trilha pelas mais variadas áreas do conhecimento sob uma contínua indagação epistemológica. Lucchesi, cumpre uma vez mais, o incrível subterrâneo presente em todo seu conjunto de obras. Não importa a tipologia textual. Ou seja: escavar, sem pena, o âmago de suas inquietações (e as nossas) por todos os campos. Entretanto, aqui vai uma advertência! Temos que nos preparar para uma incursão diferente. Aquelas que nos suspende visto que saem do senso comum. Nas palavras do filósofo Ciprian Văcan: "Marco Lucchesi é um espírito da categoria dos hereges. Vem guerreando contra as fórmulas ideológicas sempre prontas a engoli-lo, recusando teimosamente suas intenções totalizadoras, sua fé irracional em terem descoberto a verdade última, verdade essa capaz de pôr fim à história. Ele tem procurado sempre ser desatual, ou seja, manter-se à distância dos caprichos e da tirania da moda, pensar com perseverança à sua própria maneira, sem que os aplausos ou as vaias da platéia influenciem de alguma maneira as suas preocupações. Filho de imigrante, acostumado desde pequeno ao trabalho manual e à fascinante realidade da matéria, ele tem-se mantido sempre longe da afetação dos intelectuais com pretensão de superioridade, preferindo manter límpida sua visão, para além do filtro das teorias ou do canibalismo dos conceitos, de modo a estar todo tempo preparado para abranger, sem distorções, a complexidade e a beleza do mundo. Prefere permanecer à sombra justamente para não se ver obrigado a aceitar nenhum tipo de compromisso, para poder permitir o desenvolvimento orgânico do próprio pensamento, que trilha por um dos mais originais caminhos de investigação da realidade das últimas décadas" [10].

Na primeira parte do livro, (todas as partes possuem ilustrações abstratas), o escritor vai em busca de conceitos que buscam situar o espaço do fragmento que, na verdade, são os aforismos da composição da obra em

[9] Entrevista a Ana Maria Haddad Baptista. Revista Filosofia, n. 128, Ciência & Vida, agosto de 2017.

[10] *Paisagem Lunar,* p. 8.

questão. O leitor, mais do que nunca, tem uma espécie de apresentação da estrutura do livro no geral. Afinal, o que é um fragmento? Inúmeras "respostas" para tal pergunta. Entre elas: "Fragmento: apartada conjunção de geometrias" ou "Constelação de ideias e arquipélagos: suspensos em estado larval" [11]. Abstrações inseparáveis da poesia de Lucchesi. A cada parte do livro o autor elege um tema mais específico. Um deles, na difícil seleção que obrigatoriamente temos que realizar, é o que diz respeito à Matemática sob o título *Poesia e Matemática não são inimigas.* Lucchesi vai fundo ao refletir os pontos comuns entre a matemática e a poesia. Observe-se que o autor já tem publicado, (muito circulado pelo país), um livro chamado *Hinos Matemáticos* e outro lançado recentemente sob o título *Marco Lucchesi: Literatura e Matemática*. O que mais chama a atenção? Dissolve-se aos nossos olhos a famosa antítese, que reina no senso comum, de que literatura e matemática são completamente distantes e "inimigas", como diz o poeta. Afirma: "A matemática e a poesia coincidem enquanto instâncias radicais da criação, com o mesmo destemor de quem se equilibra numa corda sobre o abismo" [12]. Prossegue: "Pensar através de palavras. Números. Imagens. Ganhos e perdas. Um passo a mais: não pensar a música senão em sua linguagem"[13] . Aqui vale um grande esclarecimento: Lucchesi não perfaz um recorte na matemática simplesmente pedagógico (aquele, via de regra, que faz pequenas rimas e versos pobres com algumas "imagens" da área). Não. A abordagem de Lucchesi é conceitual. "Dar as boas-vindas à noção de obstáculo epistemológico, enquanto intrínseca espessura da matemática, como um belo fim de tarde, limite do pensamento apolíneo, sem desprezar a beleza da noite e suas potências" [14]. Ao finalizarmos, como um todo, *Poesia e Matemática não são inimigas,* não podemos deixar de pensar, de fato, o quanto a matemática possui uma densidade conceitual que mergulha em conceitos caríssimos a tantas outras formas de pensamento. Diga-se: como tão bem nos esclarece Peirce. Eis um dos talentos de Lucchesi. Levar-nos ao limite de

[11] Idem, p. 20.
[12] Idem, p. 77.
[13] Idem, p.78.
[14] Idem.

nossas próprias indagações mais profundas. Cada aforismo nos carrega para outros que agulham e desestabilizam nossas possíveis certezas. Arrebatador quando o autor nos provoca com a seguinte questão: "Tema para um interminável seminário de filosofia: o matemático inventa ou descobre?"[15]. Tal provocação merece refletir, sob a perspectiva de Deleuze, que a Natureza não se deixa levar por uma oposição ao costume, visto que existem costumes naturais. E assim sendo a Natureza não se opõe à invenção, não sendo, desta forma, as invenções senão descobertas da própria Natureza. Lucrécio, (ainda sob as luzes de Deluze), nos leva a pensar numa compensação, ou seja, a infelicidade do homem não provém de seus costumes, convenções e invenções. Mas sim da não distinção do que seja mito (aquele que engessa inverdades) e daquilo que provém da Natureza, assim como saber distinguir o que de fato é infinito e o que não é.

Lucchesi não concede. O livro é gradualmente implacável. Tira o fôlego de quem, de fato, está disposto a um mergulho para dentro de si mesmo. Mas com isso poderá atenuar (ou aprofundar?) as habituais infelicidades , teóricas ou não, que teimam em nossa memória. Mais imediatas ou mais distantes. Pouco importa.

Partindo para outros aforismos do livro o leitor se depara com mais paisagens que perfuram (a espada de São Jorge enfrentando o dragão?) nossas insuficiências repertoriais. Lucchesi nos conduz aos rios de Heráclito: "Ninguém entra duas vezes no mesmo livro. Talvez sequer uma só vez" [16]. Síntese máxima que aprofunda o nosso estar num universo que flui e cessa a imobilidade, outrora tão imaginada, assim como a questão da leitura, instigante-intrigante, de um livro. Logo em seguida, (como fica difícil selecionar!), um diálogo com Dostoievski: "O Evangelho da ressurreição de Lázaro: Sônia e Raskolnikov. Nada sabemos do futuro. Um homem novo depois da Sibéria? Potência narrativa, 'mas a nossa acaba aqui'. *Crime e Castigo:* a muitas verstas de *Castigo e redenção"* [17] . Muitos outros aforismos

[15] Idem.
[16] Idem, p. 172.
[17] Idem, p. 198.

desta parte vão travar uma verdadeira luta entre o autor e questões que nos envolvem subterraneamente.

Novamente somos obrigados, para este texto, a selecionar pontos do livro. Missão quase impossível. Salvo-me, (quase uma covardia), por meio de um belo aforismo do autor..."O que se perde se concentra no infinito" [18]. Mas como deixar de mencionar os blocos de memória do autor que perpassam pela obra e atuam, singularmente, no estilo da obra? "M. era jovem. O livro, quando cumpria 24 anos. A loucura fascinava-o. Do subsolo de Dostoievski à torre de Hölderlin. Tinha sede do mundo" [19]. Prosseguindo: "Aos oitenta anos meu pai mergulhou, vivo, nas águas frias do Letes. Nada mais alcançava. Conquanto o mundo já não existisse, jamais perdeu um verso de Dante" [20]. Prossegue: "Viveu cinco anos em silêncio, recitando apenas, quando instado a fazê-lo, os cantos da *Commedia.* A poesia vence o esquecimento. *Flatus vocis* ? " [21]. Um aforismo extremamente vigoroso. Dolorido. As águas frias do esquecimento em seu ponto máximo no intangível do ser. Contudo, a poesia ainda consegue vencer a solidão do silêncio. Ou: o silêncio da solidão.

Ao finalizarmos a leitura de **Paisagem Lunar** alguns pontos são centrais. Um deles, de suma importância, é concluirmos com Deleuze que "não é filosofia todo pensamento em geral, toda concepção de mundo, mas, **uma concepção de mundo**, é filosófico aquilo que exprime um equilíbrio correspondente à condição da humanidade, uma sabedoria que sobrepuja os desequilíbrios, (...) uma construção do homem não como espécie biológica, mas como ser moral e racional" [22]. Nessa mesma perspectiva, seguramente, Lucchesi possui uma concepção própria de filosofia. Tal concepção nos autoriza a afirmar que ele compreende a filosofia, na teoria e na prática, não como mero apoio de reflexão para outros setores do conhecimento (como denunciou, com fúria, Deleuze). Não. A filosofia de Lucchesi **cria e inventa**

[18] *Paisagem Lunar,* p. 107.
[19] Idem, p. 182.
[20] Idem, p. 208.
[21] Idem.
[22] Gilles Deleuze. *Cartas e outros textos.* Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 115.

conceitos com o rigor necessário dos grandes pensadores e, seguramente, possui uma arquitetura musical oscilante (delirante?). Acrescente-se que: "O método de Marco Lucchesi é detetivístico. Utiliza resultados recentes das ciências, textos esquecidos de grandes autores clássicos ou obscuros, bem como o imenso tesouro de seus conhecimentos de poliglota a fim de reconstruir a verdadeira trajetória de uma questão cuja solução ele mesmo dará" [23]. Uma outra questão que se coloca –sabidamente debatida sem respostas totalizadoras – seria em que medida poesia e filosofia podem se refletir ou se espelhar. Entretanto, para quem conhece o conjunto de obras do escritor a questão é mais imperativa. Como se situa Marco Lucchesi, escritor, em tal discussão? Nada simples e muito menos definitivo. Algumas pistas nos autorizam a afirmar que a fundação primordial do escritor é a poesia. Na teoria e na prática. Inseparável da pluralidade escritural do autor (romances, ensaios, discursos, entrevistas, depoimentos). Lucchesi: "(...) a poesia é o lugar de encontro. O coro de vozes. O começo do processo, o sentimento do mundo e suas intensas ressonâncias. A poesia em tudo. Mesmo quando em outro gênero literário ou endereço. As fronteiras caíram. A busca do silêncio e da profundidade me leva a ruídos e superfícies [24] ."

Digressão necessária:

"Dou um sinal de quem sou, mas isso não garante que assim me vejam, como também o sinal que me vem das pessoas e que reconfiguro dentro de mim. Sou habitado de muitas formas, por tensões que contrastam e mal sei definir a parte dominante nesse terreno pantanoso que me encerra. Não busco teus olhos. Não diriam coisa alguma sobre mim. Nada me diz. Nada me alcança. Ora, sou o primeiro a não saber de mim. Não encontro um mísero sinal. Custa forjar até mesmo uma frágil solução de continuidade. Nada sabemos de nós" [25].

[23] *Paisagem Lunar,* p. 9.
[24] Marco Lucchesi. Entrevista (citada) a Anna Luiza Cardoso.
[25] Marco Lucchesi. *Adeus, Pirandello.* Santo André (SP): Rua do Sabão, 2020. p. 122.